

## Euclides da Cunha e banalidade do mal. Por uma literatura comparada às avessas

João Cezar de Castro Rocha\*

**RESUMO:** Neste artigo, busco pensar *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, como o exemplo mais notável de uma obra latino-americana apropriada e reescrita por autores de latitudes as mais diversas. Em virtude do espaço disponível, apenas farei um breve comentário sobre as ressonâncias da obra de Euclides da Cunha no romance de Sándor Marai, *O Veredicto em Canudos*, e, de maneira inicial, sugeri uma possível afinidade entre as perspectivas de Euclides da Cunha e Hannah Arendt. Surpreende que não se examine com cuidado esse aspecto da obra de Euclides. Compreende-se: não estamos preparados para identificar as ressonâncias de Euclides em autores estrangeiros porque, conscientemente ou não, todo nosso treino convida a gesto oposto. Por isso, com a alegria ressentida do eterno discípulo, elevamos a voz, estufamos o peito, e anotamos com grande diligência os “equivocos” de Euclides na leitura de autores europeus... Aposto num projeto adversário: o exercício da literatura comparada “às avessas”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Euclides da Cunha; Literatura Comparada; Ressonâncias

**ABSTRACT:** In this article, I envision *Os Sertões*, by Euclides da Cunha, as the most remarkable example of a Latin American work appropriated and rewritten by authors of several cultures. Due to the constraints of this piece, I will only remark briefly the resonances of Euclides da Cunha’s work on Sándor Marai’s novel *The Verdict in Canudos*. Therefore, I will present initial notes on a possible affinity between Euclides da Cunha and Hannah Arendt’s approaches. It is surprising that this feature of Euclides’s work has not yet been studied; after all, we are not ready to identify the resonances of Euclides’s work because, consciously or not, our academic training implies an opposite intellectual gesture. As a result, and with the joy of the eternal pupil, we raise our voices and proudly reveal Euclides’s “mistakes” in his interpretation of European authors... Rather, I propose the project of “comparative literature overturned.”

**KEYWORDS:** Euclides da Cunha; Comparative Literature; Resonances

---

\* Professor de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Pesquisador do CNPq.

### ***Os Sertões* e suas ressonâncias**

Talvez não seja despropositado pensar em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, como o exemplo mais notável de uma obra latino-americana apropriada e reescrita por autores de latitudes as mais diversas.

Em si mesmo, não há, evidentemente, surpresa alguma nesse procedimento – e seria mera ingenuidade assinalá-lo como novidade. Ora, se nos limitarmos à tradição latino-americana, não seria uma tarefa difícil escrever sua história a partir das apropriações de *The Tempest*, de William Shakespeare. De Rubén Darío a Roberto Fernández Retamar e Darcy Ribeiro, de José Enrique Rodó a Álvares de Azevedo e Machado de Assis, os personagens-conceituais shakespearianos – Próspero, Ariel e Calibã – estimularam debates acalorados e favoreceram reflexões ainda hoje relevantes.

Portanto, nada de novo.  
Mas nem tanto.  
Explico.

E começo por conceito proposto por Antonio Candido. O crítico destacou o fenômeno intertextual “que se pode chamar *deressonância*, concebida como o eco de um texto em outro. Sem pretensão conceitual, seria possível distinguir dois tipos principais de ressonância, que poderiam ser denominados *inspiração* e *citação* (CANDIDO, 2004, p. 43, destaques do autor)”.

Ora, as *ressonâncias* de *Os Sertões* merecem um estudo detalhado.

Porém, esclareço, que, neste artigo, em virtude do espaço disponível, apenas farei um breve comentário sobre as ressonâncias da obra de Euclides da Cunha no romance de Sándor Marai, *O Veredicto em Canudos*, e, de maneira inicial, sugerirei uma possível afinidade entre as perspectivas de Euclides da Cunha e Hannah Arendt.

De qualquer modo, mencionarei outros exemplos.

Em 1919, Robert B. Cunninghame Graham publicou *O místico brasileiro*, uma biografia de Antônio

Conselheiro, cujo texto-fonte é facilmente identificável, pois não apenas Graham lança mão de inúmeras passagens extraídas de *Os Sertões*, como também acompanha as principais interpretações de Euclides da Cunha. Eis uma passagem expressiva:

Como outros gnósticos, [Antônio Conselheiro] sustentava que a virtude era supérflua, já que o fim do mundo aproximava-se veloz, considerando-a uma espécie de vaidade ou, por assim dizer, uma presunção de superioridade sobre o próximo (CUNNINGHAME GRAHAM, 2002, p. 120).

Embora sem citar o texto-fonte, o comentário é uma clara alusão a uma conhecida passagem de *Os Sertões*:

Para Antônio Conselheiro – e neste ponto ele ainda copia velhos modelos históricos – a virtude era como que o reflexo superior da vaidade. Uma quase impiedade (CUNHA, 2002, p. 300).

Aliás, trecho devidamente citado por Jorge Luis Borges em seu conto “Tres versiones de Judas”. Trata-se da segunda nota do texto:

Euclides da Cunha, en un libro ignorado por Runeberg, anota que para el heresiarca de Canudos, Antonio Conselheiro, la virtude ‘era una casi impiedad’ (BORGES, 1989, p. 516).

Disse: segunda nota... Isto é, destaque-se a estratégica localização. A menção ao brasileiro encontra-se, literalmente, à margem do texto. Há mais, pois a sutileza da escrita borgiana ainda acrescenta: *en un libro ignorado por Runeberg*.

(Claro! Como você sabe, a quem ocorreria ler livros escritos originalmente em português? A quem ocorreria aprender português para ler Euclides da Cunha? E mesmo traduzido, como superar a barreira do desinteresse costumeiro?)

Esse exemplo permite compreender as formas de apropriação de *Os Sertões* sob uma perspectiva plural e nada associada a qualquer modo de ufanismo literário anacrônico e caricato. Trata-se antes de um problema teórico de grande interesse para a redefinição da literatura comparada.

Vejamos, então, outras reescritas do texto euclidiano.

Em 1952, o belga Lucien Marchal publicou o romance *O Mago do Sertão* e no prefácio esclarece a fonte de sua prosa: “a Campanha de Canudos (...) foi assunto de muitos estudos de geografia humana, e o mais notável é o de Euclides da Cunha, intitulado *Os Sertões*” (MARCHAL, 1952, p. III).

Sándor Marai lançou *O Veredicto em Canudos* em 1970 – adiante, tratarei brevemente de seu romance.

Inspirado no autor brasileiro, o escritor da Geórgia, Guram Dochanashvili escreveu sua obra mais popular, *A primeira veste*, cujo primeiro volume apareceu em 1975, e o quarto em 1990 – o segundo e o terceiro, respectivamente, em 1978 e 1980. Por enquanto, esse é único texto ao qual ainda não tive acesso.

Por fim, em 1980, Mario Vargas Llosa lançou *La Guerra del fin del mundo*. Recentemente, passei um semestre em Princeton como pesquisador e professor visitante e, nessa ocasião, consultei, nos “Mario Vargas Llosa’s Papers”, o material referente às pesquisas realizadas sobre o conflito de Canudos, assim como comparei as diferentes versões dos manuscritos do seu romance. Deixarei, contudo, para outra oportunidade a discussão sobre os métodos de apropriação de Vargas Llosa; neste artigo, como disse, exploro sobretudo as afinidades entre Euclides da Cunha, Hannah Arendt e Sándor Marai.

Por isso, tampouco mencionarei *A Casca da Serpente*, de José J. Veiga, aparecido em 1989; um exemplo pioneiro de ficção contrafactual na literatura brasileira. Também não discutirei outros textos de autores brasileiros, porque desejo destacar o caráter excepcional das ressonâncias provocada pela obra-prima de Euclides da Cunha.

### Literatura comparada às avessas?

Reitero: em si mesmo, não há nada de excepcional nesse procedimento. No regime discursivo anterior ao advento do Romantismo essa era a dinâmica estabelecida pelas práticas da *imitatio* e da *aemulatio*; práticas intrinsecamente associadas à arte retórica. Naturalmente, este artigo não é o espaço apropriado para discutir em profundidade o conceito de *aemulatio* e os desdobramentos possíveis de seu resgate anacrônico.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Realizei essa discussão em *Machado de Assis: por uma poética da emulação* (Civilização Brasileira, 2013; Prêmio Ensaio e Crítica Literária da Academia Brasileira de Letras); este ano será publicado em inglês: *Machado de Assis: Toward a Poetics of Emulation* (Michigan State University Press, 2015).

Adianta, porém, que a prática da emulação implica uma ideia muito particular de sistema literário, privilegiando o ato de leitura como gesto eminentemente inventivo. Afinal, nesse horizonte, partindo-se sempre da *incontornável* imitação de um modelo considerado autoridade num determinado gênero, busca-se necessariamente *emulá-lo*, ou seja, produzir uma diferença em relação ao mesmo modelo.

No entanto, em geral, a ressonância não é produzida por textos de línguas e culturas não hegemônicas, mas, pelo contrário, é neles identificável. Aliás, no sistema literário lusófono, no momento de sua primeira rusga transnacional de peso, tal circunstância veio à superfície na resposta dura de Eça de Queirós à crítica igualmente forte que Machado de Assis fez de *O primo Basílio*.

Recorde-se a reação acre do autor português à acusação de imitação lançada pelo brasileiro:

Dos dois livros, a crítica decerto conheceu primeiro *O crime do padre Amaro*, e, quando um dia, por acaso, descobriu, anunciado num jornal francês, ou viu, numa vitrina de livreiros, a *Faute de l'Abbé Mouret*, estabeleceu imediatamente uma regra de três, concluindo que a *Faute de l'Abbé Mouret* devia estar para *O crime do padre Amaro* como a França está para Portugal. Assim achou sem esforço esta incógnita: PLAGIATO! (QUEIRÓS, 1929, p. 171)

Eis a aritmética simples, porém brutal, das culturas não hegemônicas. Em outro século, Oswald de Andrade confirmou o princípio da regra de três, cujo produto nunca nos é favorável: “O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional” (ANDRADE, 1994, p. 44). Ademais, como se sabe, os ponteiros da República das Letras obedecem a meridiano nada flexível. Daí, um pouco adiante, na réplica, somente publicada na íntegra após a sua morte, Eça referiu-se aos modelos francês, inglês e alemão, como sendo aqueles oriundos das “três grandes nações pensantes” (QUEIRÓS, 1929, p. 174).

Eça tinha e, no fundo, continua tendo razão - como se vê, nem sempre o ressentimento é cego.

Vejam-se os exemplos discutidos por Antonio Candido: as ressonâncias de Mendes Leal em Castro Alves e, acima de tudo, os ecos de Dante, Flaubert e Victor Hugo no próprio texto de Eça de Queirós. E, com a agudeza familiar, Candido desdobra o tópico, recuperando, embora sem explicitá-lo, o traço definidor da *aemulatio*:

Seria ingenuidade pensar que Eça de Queirós tencionou passar matéria alheia como sua. Dante, Victor Hugo, Baudelaire eram escritores largamente familiares ao leitor culto do seu tempo, sendo que os dois últimos constituíam verdadeiras obsessões no universo cultural português a que pertencia. Por isso mesmo, o público informado poderia captar imediatamente a *citação*, aumentando o prazer da leitura pelo relacionamento com as fontes (CANDIDO, 2004, p. 50).

Eis, portanto, a excepcionalidade de *Os Sertões*: escrito em português, logo, numa língua não hegemônica, texto oriundo de uma cultura à margem dos centros de decisão, suas ressonâncias alcançam muito além das acanhadas fronteiras prometidas pelo seu horizonte de origem.

Esclareça-se, aqui, a malícia do subtítulo deste artigo: *literatura comparada às avessas*. Ora, nos seus primórdios, no século XIX, em sua extração francesa,<sup>2</sup> a disciplina estruturou-se, em boa medida, em torno de conceito de influência.<sup>3</sup>

Não apenas.

No século do Estado-nação e do romance, no fundo, na pesquisa diligente do texto-fonte e da miríade de textos por ele influenciados, muitas vezes o que estava em jogo era tanto o exercício de uma erudição hoje perdida, quanto a edição, em outra esfera, da rivalidade que dominou boa parte da vida política oitocentista, com reflexos decisivos e desastrosos no século XX. Refiro-me ao conflito franco-prussiano.

---

<sup>3</sup> Veja-se o livro de Tânia Carvalhal, *Literatura Comparada* (São Paulo: Ática, 1986). E também: Eduardo Coutinho & Tânia Carvalhal: *Literatura Comparada: textos fundadores* (Rio de Janeiro: Rocco, 1994).

<sup>3</sup> Para uma discussão acerca dos conceitos estruturadores da disciplina, ver, Sandra Nitri, *Literatura Comparada: história, teoria e crítica* (São Paulo: EdUSP, 1997).

Isso na disputa simbólica entre as “grandes nações pensantes” - na verve desconfiada de Eça. Já no tocante à relação das literaturas oriundas de culturas hegemônicas com todas as outras, entre as quais a literatura brasileira, o sentido da pesquisa era evidente: tratava-se de mapear o alcance da influência das literaturas francesa, inglesa e alemã nas demais nações. A simples hipótese contrária pareceria um despropósito. Essa via de mão única dificultou a assimilação da própria disciplina literatura comparada em contextos periféricos, pois seu exercício, no âmbito de um Romantismo prolongado, implicava o questionamento constante da noção de literatura nacional; no mínimo, obrigava a uma incômoda relativização da ideia, então valorizada sob todas as outras, de autonomia cultural.

No entanto, como um efeito inesperado, o constrangimento conduziu a um questionamento, ainda que incipiente, do primado da noção de influência.

Consulte-se, por exemplo, o despretensioso manual *Literatura comparada*, de Tasso da Silveira. O livro apresenta uma história tradicional e muito bem-comportada da disciplina. No entanto, na última seção, “Um estudo de literatura comparada” (SILVEIRA, 1964, p. 114-135), o autor discute a influência de Antero de Quental em Cruz e Souza. Ainda que não desenvolva teoricamente o raciocínio, Silveira evita recorrer ao vocabulário dominante, pois, em lugar de *influência*, ele assinala:

Fora impossível não se reconhecer no soneto de Cruz e Souza a *ressonância direta* dessas três peças de Antero, muito embora o Poeta Negro as tenha fundido numa alta joia de lavor mais puro, a que imprimiu o acento de uma inspiração mais profunda, do que a do aedo luso (...). (IDEM, p. 123, meus itálicos).

Podemos recuar ainda mais no tempo.

Em 1939, Álvaro Lins já havia enfrentado idêntico problema; na verdade, um desafio estrutural para se pensar a potência de um autor que escreve em português, e, por isso, não pode senão dialogar com as literaturas das “três

grandes nações pensantes”. De fato, em sua biografia intelectual de Eça de Queirós, o crítico precisou dedicar um capítulo à delicada questão, “Um centro de influências” (LINS, 1939, p. 37-47), recorrendo a André Gide para virar o dilema pelo avesso. Assim, recordou Lins, “Gide (...) faz a apologia de todas as influências. E afirma que ninguém pode fugir delas. (...). O caso literário de Eça de Queirós parece feito de propósito para dar corpo às ideias de Gide” (IDEM, p. 37 e 39).

A ironia, involuntária, é saborosa: para ser sempre mais Eça, o autor português precisou ser, em primeiro lugar, sempre mais Gide! Destaque-se o elemento-chave: não é fácil, para críticos e teóricos de culturas não hegemônicas, dedicar-se à literatura comparada sem questionar seus fundamentos, já que eles foram estabelecidos a partir da naturalização das assimetrias que constituem o sistema-mundo (WALLERSTEIN, 2004).

Naturalmente, tal problema encontra-se ultrapassado – ultrapassadíssimo, diria José Dias, comparatista de plantão. Contudo, um pouco de malícia não faz mal. Na prática, no que se refere à circulação de teorias, a situação ainda não mudou significativamente. Edward Said, em célebre ensaio, tentou compreender como “ideias e teorias viajam” (SAID, 2000, p. 195).

Pois, sem dúvida, viajam – e muito.  
Especialmente quando são escritas em inglês.  
Ou quando são traduzidas para o inglês.  
Portanto: literatura comparada às avessas: projeto urgente.

### **Conflito como forma**

Sándor Marai descreve seu encontro com a obra de Euclides da Cunha, lida na tradução para o inglês, feita por Samuel Putnam:

A lembrança da leitura era inquietadora. (...) Como se, com a história de Canudos, Euclides da Cunha (morto há apenas sessenta anos) intentasse mais do que narrar os acontecimentos da explosão anárquica que se deu na orla da Região Nordeste no final do século passado. Porque a aventura selvagem de Canudos se repetiu meio século depois em outras paragens – sim, de repente a anarquia ‘entrou na moda’ novamente (MARAI, 2011, p. 151-52).

Esse modelo de apropriação é constante, sugerindo um possível motivo subjacente às reescritas de *Os Sertões*. Vale dizer, os autores estrangeiros que se apropriaram da obra de Euclides naturalmente se preocuparam menos com o sentido específico da Campanha de Canudos, intrinsecamente relacionado às vicissitudes da formação social brasileira, e se preocuparam mais com a capacidade da escrita euclidiana em fixar a *forma de um conflito determinado*. Por isso, uma estratégia similar costura seus textos.

Cunninghame Graham assimilou a campanha de Canudos à estrutura típica dos conflitos de fronteira, oferecendo uma análise comparativa de grande interesse com os confrontos que ocorreram no Oeste norte-americano: como se Euclides fosse lido pelos olhos de Frederick Jackson Turner, o principal teórico da fronteira na cultura norte-americana. Ademais, em 1914, ano provável da concepção de Um místico brasileiro, começou o mais destruidor conflito de fronteiras até então havido: a Primeira Guerra Mundial. O paradoxo do caso brasileiro é que a divisão entre os homens do litoral e os sertanejos rasgava o próprio país, originando um característico conflito de fronteiras, embora no interior do mesmo território.

A interpretação de Mario Vargas Llosa da campanha de Canudos conheceu uma transformação sensível a partir de sua releitura de *Os Sertões*, enquanto avançava em seus estudos sobre o tema. Num primeiro momento, o escritor peruano estava inclinado a ver no Arraial de Canudos uma explosão de fanatismo atávico, que ele parecia associar ao movimento guerrilheiro do Sendero Luminoso. Ángel Rama anotou o ponto: “Lo más evidente es su fascinación por las actitudes fanáticas que le atraen en la misma medida que le rechazan orgánicamente, y que no dejó de vincular a un comportamiento aún vigente entre los latinoamericanos” (RAMA, 2001, p, 125). Contudo, paulatinamente, o entendimento do autor peruano se transformou e ele finalmente viu no conflito a forma acabada do dilema intrinsecamente latino-americano: a presença simultânea de linguagens irreconciliáveis, de visões do mundo excludentes e de temporalidades opostas. Em outras palavras, Euclides teria dado forma ao dilema estrutural da constituição das

sociedades latino-americanas. Ángel Rama compreendeu tudo:

(...) Mario Vargas Llosa se presentó en el Wilson Center, donde residirá por un año escribiendo su novela sobre el episodio de Canudos que dio origen a la novela de Da Cunha *Os Sertões*. (...)

Pero también le atraía, en la historia de Canudos, la total incompreensión de las partes que hablaban dos lenguajes incommunicados: unos luchando contra una conspiración político anti-republicana y otros buscando el reino de Dios en la tierra (IDEM, p. 125).

Por sua vez, Sándor Marai descobriu na guerra de Canudos e, sobretudo, na escrita de Euclides da Cunha, um princípio formal que favoreceu uma projeção dupla e surpreendente.

De um lado, a associação da destruição do arraial de Canudos com o maio de 68, especialmente na França.

Nas palavras do autor húngaro:

Um dos grafites que os alunos pintaram nas paredes da Sorbonne exigia: 'Soyez raisonnable, demandez l'impossible'.

Isso me tranquilizou, e animado continuei a escrever o livro. Da obra de Euclides da Cunha não emprestei mais que os dados topográficos e as datas. E os nomes de alguns personagens. Todo o resto é invenção (MARAI, 2011, p. 152).

De outro lado, o estabelecimento de um surpreendente elo entre Antônio Conselheiro e ninguém menos do que Che Guevara. Pelo menos, é o que parece estar em jogo nas palavras de uma das poucas sobreviventes do conflito ao transmitir ao Marechal Bittencourt um recado do próprio Conselheiro:

Mandou dizer que está vivo. Não há nada que você possa fazer. É inútil ter canhões. Amanhã haverá dez Canudos no Brasil. E depois de amanhã, cem (Idem, p. 85).

Exatamente como a multiplicação de Vietnams, preconizada pelo guerrilheiro argentino. Otto Maria Carpeaux seguiu caminho similar, buscando no conflito de

Canudos possíveis lições para a guerrilha no Brasil durante a ditadura militar. A mesma referência retorna nas palavras da narradora dos momentos finais do arraial, uma aristocrata austríaca: “E ele vai fazer novas Canudos no Brasil. Não uma, cem...” (IDEM, p. 138). Eis como a estrangeira explica o fato de ter sido escolhida pelo Conselheiro para transmitir sua mensagem: “Porque era sabido que eu falava uma língua estrangeira. Ele disse que os senhores eram tão estranhos que talvez não compreendessem se alguém de Canudos lhes dirigisse a palavra. (...)” (IBIDEM).

Essas apropriações e reescritas de *Os Sertões* possuem uma direção comum, sugerindo uma hipótese.

Elaboro o que sugeri acima: Euclides da Cunha plasmou uma forma textual particular, a fim de lidar com o conflito-dilema tanto entre linguagens que não se entendem – e isso no mesmo idioma – quanto entre temporalidades excludentes – e isso no mesmo território. O gosto pelos oxímoros, a recorrência de metáforas-paradoxo, o constante recurso a autoridades europeias que se veem rapidamente contestadas<sup>4</sup>, ou no mínimo relativizadas<sup>5</sup>, definem a forma-conflito do texto de *Os Sertões*.

Daí, a caricatura involuntária de quem se dedica, com a largueza de visão de entomologista, e com a pachorra de ultrapassado mestre-escola, a dar “nota” à composição euclidiana, com base na “fidelidade” ou no “acerto” de sua leitura dos “mestres” europeus.

Deixo a diplomacia de lado: trata-se de surpreendente ingenuidade teórica, como se um autor da talha de Euclides pudesse ser limitado ao papel pálido de discípulo disciplinado, leitor engravatado do alheio. Como se houvesse a interpretação unívoca de qualquer texto!

(Sem comentários – você sabe muito bem.)

Há mais.

Como não achar divertido esse anacronismo nada deliberado, que esboça o retrato curioso de um Euclides da Cunha professor universitário, com dedicação exclusiva e bolsa de pesquisa do CNPq, placidamente acomodado em seu escritório, com um potente ar condicionado, claro está; caso contrário, como pensar nos trópicos? Ignorar tão olímpicamente a precariedade das condições objetivas da produção de *Os Sertões* conduz a uma mesquinhez analítica, que, por fim, impede que se imaginem paralelos

4 Um único exemplo (há muitos): “Hegel delineou três categorias geográficas (...). Aos sertões do Norte, porém, (...) falta um lugar no quadro do pensador germânico” (CUNHA, 2002, p. 133-34).

5 Um único exemplo (não são poucos), na qual se refere a Gumplowicz: “O grande professor de Graz não a considerou sob esse aspecto. A verdade, porém, é que se todo o elemento étnico forte ‘tende a subordinar ao seu destino o elemento étnico mais fraco ante o qual se acha’, encontra na mestiçagem um caso perturbador” (IDEM, p. 202).

paralelos instigantes. Penso, por exemplo, em Pedro Henríquez Ureña, cujas circunstâncias biográficas<sup>6</sup>, em seus exílios e deslocamentos constantes, estimula um estudo comparado com Euclides da Cunha.

Mas ainda não é tudo.

Esse constrangedor exercício de pique-esconde conceitual, cujo perdedor sempre é o autor brasileiro, revela uma inesperada e passiva sujeição à assimetria estruturadora das relações acadêmicas. Ao fim e ao cabo, não estamos preparados para identificar as ressonâncias de Euclides em autores estrangeiros porque, conscientemente ou não, todo nosso treino convida a gesto oposto. Por isso, com a alegria ressentida do eterno discípulo, elevamos a voz, estufamos o peito, e anotamos com grande diligência os “equivocos” de Euclides...

### Um livro-conflito

Ora, tão conflituosa quanto a forma da escrita euclidiana é a estrutura de *Os Sertões*, e, na verdade, em primeiro lugar, a perspectiva do autor.

Recupere-se a divergência entre três momentos da reflexão de Euclides da Cunha, um autor em permanente atrito consigo mesmo. Portanto, o conflito é o alfa e o ômega do autor mais heraclítico da cultura brasileira.

Em 1897, articulista de *O Estado de S. Paulo*, ainda sem ter viajado para o sertão baiano, Euclides publicou dois textos sobre o conflito. O sugestivo título, “A nossa Vendaia”, antecipou sua orientação. No primeiro artigo, após esboçar uma visão panorâmica da terra e do homem (numa miniatura anunciadora das seções do livro), Euclides comparou o “tabaréu fanático” com o “chouan fervorosamente crente” (CUNHA, 2000, p. 52). O canudense foi sumariamente definido como adepto do retorno à Monarquia. Logo, concluiu com a profecia: “A República sairá triunfante desta última prova” (IDEM, p. 52). No segundo artigo, o elogio do “Exército Nacional” confundiu-se com a fé no futuro do país. A campanha militar empolgou o articulista: “É uma página vibrante de abnegação e heroísmo” (IDEM, p. 59). Esses artigos criaram uma metáfora perigosa, justificadora do aniquilamento de Canudos; afinal, tratava-se da

<sup>6</sup>Ver, Sonia Henríquez Ureña de Hlito, Pedro Henríquez Ureña; apuntes para uma biografía (México: Siglo XXI Editores, 1993).

escrita sobrevivência do próprio regime. E, contra o atavismo do Conselheiro, nada mais adequado do que a marcha acelerada do exército em direção ao futuro da República.

No mesmo ano, contudo, Euclides embarcou para o teatro de operações. Correspondente de guerra, descreveu as duras circunstâncias do combate. Na reportagem de 18 de agosto, a adjetivação da marcha republicana conheceu ligeira alteração: “campanha crudelíssima” (IDEM, p. 105). Em *Os Sertões*, a acusação será direta: “E foi, na significação integral da palavra, um crime” (CUNHA, 2002, p. 67).

E, muito embora os sertanejos sejam considerados selvagens e bárbaros, paulatinamente Euclides reconsiderou o juízo. Na última reportagem, redigida em 1 de outubro, abriu de vez a guarda. Sem deixar de glorificar a ação do exército, destacou o compromisso inabalável dos canudenses com seu ideal: “Sejamos justos – há alguma coisa de grande e solene nessa coragem estoica e incoercível, no heroísmo soberano e forte dos nossos rudes patrícios transviados e cada vez mais acredito que a mais bela vitória, a conquista real consistirá em incorporá-los, amanhã, em breve, à nossa existência política” (CUNHA, 2000, p. 208).

Nas últimas páginas de *Os Sertões* tal inclusão revelou-se utópica: “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo” (CUNHA, 2002, p. 778). O extermínio dos canudenses não era o único crime a ser denunciado; embora parcialmente correta, tal leitura apenas arranha a superfície do texto. O pecado original era o calculado desprezo pelo outro – o sertanejo; estrangeiro no próprio país. Fórmula que se repetiria na obra de Euclides: “Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro: e está pisando terras brasileiras” (CUNHA, 1999, p. 7).

O próprio autor cometeu idêntico delito; por isso, sua reflexão encena o atrito entre o articulista, o repórter e o autor: e à visão tríptica do autor corresponde a estrutura de tríptico do livro. Desse modo, a escrita de *Os Sertões* é a contramão da marcha do exército positivista, pois a destruição de Canudos transformou-se em permanente matéria da memória. Ora, se o exército republicano triunfou, a escrita de *Os sertões* significou a derrota parcial do articulista e do correspondente de guerra, pois

seus juízos foram questionados pelo escritor.

Derrota parcial, contudo, pois as três dimensões mantiveram-se em tensa convivência: imagem de um conflito sem resolução.

### **A banalidade do mal**

Isto é, o conflito a que me refiro relaciona-se estruturalmente à atividade diversificada de Euclides como articulista, correspondente, e, por fim, autor. E tudo depende da capacidade de reavaliar os próprios pressupostos com base nessas diferentes circunstâncias.

Ora, em alguma medida, Hannah Arendt passou por circunstância similar, em 1961, como correspondente do *New Yorker*, e, posteriormente, na escrita dos artigos para a revista, publicados em 1963, e ampliados para o livro saído no mesmo ano, *Eichmann em Jerusalém - Um relato sobre a banalidade do mal*. A expressão consagrada no subtítulo é usada duas vezes no livro, já no seu final.

A autora esclarece o sentido a ela atribuído:

I also can well imagine that an authentic controversy might have arisen over the subtitle of the book; for when I speak of the banality of evil, I do so only on the strictly actual level, pointing to a phenomenon which stared one in the face at the trial. Eichmann was not Iago and not Macbeth, and nothing would have been farther from his mind than to determine with Richard III "to prove a villain." Except for an extraordinary diligence in looking out for his personal advancement, he had no motives at all (ARENDDT, 1965, p. 283).

O tema implica dessas questões prenhe de questões que nos levariam longe - mas já é tempo de encerrar este artigo; guardarei para futuro desenvolvimento a possível afinidade eletiva das circunstâncias vividas por Euclides da Cunha e Hannah Arendt.

Há mais, contudo.

A hipótese sobre essa possível afinidade surgiu da leitura de *Um veredicto em Canudos*, pois, se na superfície do texto Marai menciona o maio de 68 e o eterno retorno de explosão anárquicas, o modelo que

parece estruturar sua reflexão é precisamente a ideia da *banalidade do mal*. O Marechal Bittencourt e sobretudo os soldados do exército brasileiro aparecem como se fossem surpreendentes antecipações de um Eichmann nos tristes trópicos. O vocabulário que define o extermínio dos canudenses é contundente: *limpeza do terreno*, como se fosse uma espécie de *Endlösung propriamente avant la lettre*.

Eis como se descreve o Marechal: “Quem era ele então? Um cidadão, um funcionário – um fenômeno social novo por aqueles lados” (MARAI, 2011, p. 39). Pouco adiante, descobre-se o efeito dessa novidade: “tudo o que era humano perdia a forma por trás dos números” (IDEM, p. 44). Nada falta para que a banalidade do mal domine o relato do extermínio final dos adeptos do Conselheiro.

As palavras do Marechal Bittencourt foram assim definidas pelo narrador e, nessa definição, surpreende-se uma dicção muito próxima à reflexão de Arendt sobre o comportamento automatizado do funcionário Eichmann.

Eis o texto de Marai:

Tudo o que dizia se revelava uma prestação de contas judiciosa, e entre os ouvintes ninguém duvidava de que ele enunciava a verdade cristalina, imparcial – porém a um tempo tínhamos a consciência de que ouvíamos menos um relato histórico e mais o procedimento sensato de um funcionário que formalizava um documento diante de nós. Porque Canudos – e tudo o que lá acontecera nos meses anteriores –, para o ministro da Guerra não se tratava de uma explosão humana ou de um desmoronamento social: era um relatório cheio de números oficiais, mais nada (IDEM, p. 46).

Por que ainda não aprofundamos paralelos similares? Por que ainda não recuperamos as ressonâncias de *Os Sertões*?

### Coda

Sándor Marai, com sua agudeza usual, expôs a dificuldade sem meias palavras:

Ouvi que poucos no mundo conhecem o nome de Euclides da Cunha. É curioso, pois na estante atrás de mim, junto dos volumes sobre a história, a geografia, as paisagens e a hidrologia do Brasil, encontram-se numa longa fileira as edições em português e as versões estrangeiras da obra de Euclides da Cunha. Ainda assim, não são muitos os que sabem deste livro em outras terras (IDEM, p. 11).

É bem isso: não basta ter o texto traduzido; decisivo é conquistar um espaço propriamente intelectual (ou estético) que não seja confinado às estantes que somente enfileiram *volumes sobre a história, a geografia, as paisagens e a hidrologia do Brasil*. (Insisto: *literatura comparada às avessas*: projeto urgente.)

## Referências

- ANDRADE, Oswald de. “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. *A utopia antropofágica / Oswald de Andrade - Obras Completas*. São Paulo: Globo, 2ª ed., 1995.
- ARENDRT, Hanna. *Eichmann in Jerusalem: A Report on the Banality of Evil*. New York: The Viking Press, 1965.
- BORGES, Jorge Luis. “Tres versiones de Judas”. *Ficciones*. Obras Completas I - 1923-1949. Buenos Aires: Emecé Editores.
- CANDIDO, Antonio. “Ressonâncias”. *O Albatroz e o chinês*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CARVALHAL, Tânia. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- COUTINHO, Eduardo & Tânia Carvalhal: *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CUNHA, Euclides da. “Terra sem história (Amazônia)”. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Diário de uma expedição*. Walnice Nogueira Galvão (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os Sertões*. Leopoldo Bernucci (org.) São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

- Cunninghame Graham, Robert B. *Um místico brasileiro. Vida e milagres de Antônio Conselheiro*. São Paulo: Sá Editora / Editora Unesp, 2002.
- LINS, Álvaro. *História literária de Euclides da Cunha*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945 [1939].
- MARAI, Sándor. *Veredicto em Canudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Marchal, Lucien. *Le Mage du Sertão*. Roman. Paris: Librairie Plon, 1952.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: EdUSP, 1997.
- QUEIRÓS, Eça de. “Idealismo e Realismo”. Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas. Porto: Lelo & Irmão, 1929.
- RAMA, Ángel. *Diarios, 1974-1983*. Montevideu: Ediciones Trilce, 2001.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Civilização Brasileira, 2013.
- SAID, Edward. “Travelling Theory”. Moustafa Bayoumi & Andrew Rubin (orgs.) *The Edward Said Reader*. New York: Random House, 2000.
- SILVEIRA, Tasso da. *Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1964.
- UREÑA de Hlito, Sonia Henríquez, Pedro Henríquez Ureña; *apuntes para uma biografia*. México: Siglo XXI Editores, 1993.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems Analysis*. Na Introduction. Duke University Press, 2004.